

Laboratório de Gramsci

ALVARO BIANCHI

Campinas, Alameda Editorial, 2008, 320p.

*Lincoln Secco**

Estamos diante de um livro aberto, decididamente incompleto, capaz de provocar dúvidas e críticas. Só por isso já poderíamos saudar a empreitada do professor da Unicamp, Álvaro Bianchi. Seu livro, muito bem escrito, dotado de rigor invulgar, é um convite à leitura do marxista italiano Antonio Gramsci.

Bianchi começa com uma rápida e bem-informada exposição da estrutura e da trajetória dos *Cadernos do cárcere*. Fala de sua recepção na Europa e no Brasil, mostra o quanto há de potencial para sua contínua releitura na América Latina (em um feliz achado acerca de como certos conceitos, como revolução passiva, inspiraram análises de nossa história, sendo que nada parecido ocorreu no Velho Mundo). Bianchi também faz uma arguta crítica da nova edição brasileira dos textos de Gramsci sem, contudo, deixar de saudar os aspectos positivos da nova iniciativa editorial.

O livro concentra-se, em seguida, na crítica gramsciana ao marxismo oficial, especialmente aquele da época da II Internacional que havia reduzido o marxismo a uma filosofia do materialismo (ou a uma metafísica da matéria). De certa forma, o mesmo problema reaparece em um ponto alto do livro de Bianchi, que é a análise das relações entre superestrutura e base (tema ao qual voltaremos). Todavia, para

* Professor de História Contemporânea na Universidade de São Paulo.

Gramsci, aquela fase da II Internacional teria sido necessária como popularização do marxismo. Usando as díades “Renascimento-Reforma”, “Alta Cultura-Cultura Popular” e “Filosofia Alemã-Revolução Francesa”, ele encontra razões de ordem didática para sua difusão na forma de simples materialismo.

Parte significativa do livro tangencia a relação com Bukharin. Normalmente, os livros sobre Gramsci no Brasil se concentraram mais na crítica a Benedetto Croce. Neste caso, Gramsci apareceria como o crítico por excelência do liberalismo e no interior de uma tradição intelectual tipicamente italiana. Em outro caso, Gramsci aparece como possível crítico do marxismo soviético e de seu grupo dirigente. Afinal, como diz Bianchi, ele poderia ter escolhido criticar Plekhanov, cujo livro ele tinha no cárcere e o qual fora citado por ele como exemplo daquela fase popular do marxismo “materialista”.

Isso nos leva ao problema da objetividade no marxismo (parte intitulada “Materialismo/Idealismo”). Para Gramsci, a objetividade é um “universal subjetivo”. Não poderia haver uma objetividade extra-histórica e independente dos homens. Isso levou Gramsci a sofrer a alcunha de “idealista”, tanto por críticos de esquerda quanto de direita, como documenta em seu livro Álvaro Bianchi. Para Bianchi, o problema é “Gramsci não fazer distinção clara entre o significado epistemológico e o significado ontológico da objetividade” (p. 85). Creio, com Texier, que a objetividade para Gramsci não pode eliminar o concurso da subjetividade, só que de uma subjetividade extraindividual. Portanto, “o conhecimento não está separado da práxis histórica coletiva”, como disse Texier.

Para Carlos Nelson Coutinho, ficaria impossível, assim, aceitar que a lei da gravidade existia antes de Newton, pois seria preciso esperar que os homens tomassem conhecimento dela. Bianchi tenta defender Gramsci mostrando que a gravitação, de fato, não precisava ser um universal subjetivo para ser uma força existente, mas precisava ser conhecida por Isaac Newton para se tornar uma lei e, assim, ser submetida pelo conhecimento humano. Gramsci não negaria a existência objetiva da gravitação como força, mas sim da *lei* da gravitação, a qual é uma dedução matemática.

Todavia, Gramsci não se mostraria interessado na gravitação em si, portanto em uma objetividade “natural”. Não é possível, para ele, dizer se essa objetividade natural existiu anteriormente. O que importava a Gramsci era uma objetividade histórica. Também é inegável que o pensamento idealista estava na base de sua formação intelectual, gostemos disso ou não. De toda maneira, este é um dos temas polêmicos que Bianchi nos oferece de maneira inevitavelmente incompleta, pois ainda carece de novos desdobramentos e pesquisas que o autor certamente continuará desenvolvendo.

Na análise da relação entre superestrutura e base (*Prefácio à Contribuição à crítica da economia política*, de 1859), Bianchi chama a atenção para a facilidade da deturpação promovida por muitos marxistas que leram aquele texto. Corre-se sempre o risco de substituir a primazia da Ideia na exposição da história pela das

forças produtivas e, assim, recriar-se uma nova forma de idealismo: o economismo. Como nota Bianchi, Gramsci ressalta naquele Prefácio a importância do terreno da ideologia: a superestrutura é, portanto, algo objetivo, mesmo sendo uma forma de aparência. A separação operada por Marx (segundo a metáfora arquitetônica de base e superestrutura) é metodológica e não empírica, pois não há economia sem sociedade e nem uma separação mecânica entre infraestrutura e superestrutura. Para Gramsci, “As forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais, sem as forças materiais”.

Depois de percorrer com grande competência os temas “Estado e Sociedade Civil” e “Guerra de Posição e Guerra de Movimento”, contribuindo para desfazer a ideia de díades estanques, a obra de Bianchi termina com uma constatação incômoda: os *Cadernos do cárcere* foram produzidos numa prisão. Uma vez superado o fascismo de Mussolini, eles caíram em novas prisões, a começar pela forma de edição imposta pelo Partido Comunista Italiano (PCI) a eles. De forma fragmentária os *Cadernos...* passaram a uma apresentação temática, assumindo a forma de livros prontos e acabados. Depois disso, o pensamento de Gramsci teria sido aprisionado pelo eurocomunismo e ele teria se tornado o esteio da democracia como um valor universal (embora Bianchi não use na conclusão de seu livro essa expressão). Por fim, o pós-comunismo e o pós-modernismo se sucederam em novos aprisionamentos do texto gramsciano.

É preciso destacar, porém, que a edição temática de Palmiro Togliatti é que permitiu o conhecimento e, principalmente, o reconhecimento internacional da obra gramsciana. A máquina editorial dos partidos comunistas, a irradiação de seus aparatos culturais e sua presença institucional em muitos países são fatores que permitiram um diálogo com o pensamento gramsciano a partir de outras tradições intelectuais (liberais e católicos, ultrasquerda etc.). Na Itália, foi a edição temática que tornou Gramsci um monumento da cultura italiana do século XX (portanto, também um pouco estático, idealizado e venerado, como o são os monumentos). A obra dele, ao lado da de Emilio Sereni, orientou a maior renovação da História Econômica dos anos 1950 em diante, quando Rosário Romeo fez uma crítica que se pretendia demolidora de algumas ideias de Gramsci sobre o *Risorgimento*. Gramsci era o centro do debate italiano também em muitas outras áreas, como a teoria do Estado e a democracia, onde Norberto Bobbio se destacou.

Pode-se questionar o “custo” disso em termos “revolucionários”, mas sem isso Gramsci teria, provavelmente, ficado em outra prisão: a do esquerdismo marginalizado. Por fim, a própria edição crítica feita por Valentino Gerratana, tão justamente apoiada por Bianchi, foi uma decisão do PCI.

Bianchi não concorda com essa apreciação. Em parte, poder-se-ia justificar a edição temática autorizada por Palmiro Togliatti como uma forma de levar o texto gramsciano a um público mais amplo, em uma fase popularesca da recepção de seus textos. Por outro lado, os próprios comunistas muitas vezes afirmaram

(e Guido Liguori entre eles) que a transformação de Gramsci em um “stalinista” era uma operação de Togliatti para salvaguardá-lo perante a Internacional Comunista. Bianchi acrescenta com fina ironia que isso se parece, também, “com uma tentativa de salvaguardar a si próprio e ao stalinismo, apropriando-se do prestígio do prisioneiro de Mussolini” (p.37). Todavia, ele recai em um círculo vicioso, pois Gramsci não teria prestígio algum se o PCI não tivesse reforçado a lenda do mártir do fascismo e do *capo* da classe operária italiana. Certamente (e sem aqui justificá-la), a “operação” serviu a ambos: ao PCI e à figura de Gramsci.

Hoje, para o bem ou para o mal, Gramsci está parcialmente liberto dessas vinculações. Mas poderíamos perguntar se sua separação do debate comunista não o enviou para uma nova prisão: a academia.

O fato de Álvaro Bianchi ter desenvolvido uma pesquisa com tanto rigor e tê-la feito publicar na forma de livro é animador e contribui para alargar o espaço gramsciano para além da universidade. Trata-se de um livro que inspira os historiadores, sem que precisemos concordar inteiramente com ele, pois nos conduz pelos labirintos do léxico gramsciano sem nos abandonar à primeira dificuldade e sem exigir uma adesão dogmática ao texto (ao dele e ao do próprio Gramsci).

ARIAS, Santiane. Resenha de: Jacques Bidet e Gerard Dumenil, Dossier, altermondialisme, anticapitalisme. Paris, Actuel Marx, PUF, 2008, 116p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.173-175.

Palavras-chave: Altermondialismo; Neoliberalismo.